



# "BELA, RECATADA E DO LAR": UMA REFLEXÃO SOBRE AS MULHERES E A LITERATURA (RUPTURAS E PERMANÊNCIAS)

Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento\*

**Resumo:** No seu conhecido livro *Um teto todo seu*, publicado inicialmente em 1929, Virginia Woolf discutia sobre a questão "Mulheres e a ficção", ou seja, sobre a dificuldade das mulheres em produzir ficção e da necessidade em possuírem "um teto todo seu", o que significava, em linhas gerais, terem as condições materiais necessárias para se tornarem escritoras. Woolf, ainda na segunda década do século XX, observava a lacuna ou ausência de nomes femininos na literatura, e as dificuldades enfrentadas por mulheres na sociedade patriarcal. Baseado na discussão iniciada por ela há quase 90 anos, o presente texto, que tem como tema "As mulheres e a literatura", pretende construir um panorama geral e uma reflexão acerca da produção e reconhecimento da literatura de autoria feminina na contemporaneidade, tendo como guia os seguintes pontos: "A mulher escritora", "A mulher representada na literatura" e "A mulher crítica/pesquisadora dos estudos literários". Eles serão articulados de forma a construir a sua inter-relação e indissociabilidade, analisando as possíveis rupturas e permanências da representação feminina na literatura até a contemporaneidade, seja a mulher escritora ou objeto do discurso alheio, e refletindo sobre o surgimento e a urgência de uma crítica literária feminista com base no desenvolvimento dos movimentos feministas e dos estudos de gênero na segunda metade do século XX.

**Palavras-chave:** Estudos de gênero. Literatura de autoria feminina. Feminismo. Crítica literária feminista. História da literatura.

## AS MULHERES E A LITERATURA: AMBIGUIDADES

O desenvolvimento da história cultural, com a terceira geração dos *Annales*, e dos estudos de gênero na segunda metade do século XX proporcionou um novo olhar crítico para a produção literária de autoria feminina. As mulheres, sujeitos antes invisibilizados pela literatura e pela crítica tradicional, passaram a ser objeto de novas teorias e críticas literárias, como é o caso da crítica literária feminista. O desenvolvimento desta e os novos paradigmas que

---

\* Doutora e Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: michellevasc@hotmail.com

surgem estão intrinsecamente relacionados ao surgimento da História das Mulheres como disciplina e aos desdobramentos dos movimentos sociais femininos, os quais, desde o seu surgimento no século XVIII, se pautavam na igualdade de direitos básicos entre mulheres e homens, como o direito ao voto (participação e representação políticas), à educação e aos mesmos cargos e salários.

É verdade que essas demandas, tão antigas, ainda não foram atendidas em pleno século XXI, mas também é fato que os movimentos feministas se multiplicaram e expandiram as pautas, agregando fatores como raça, etnia, classe socioeconômica, nacionalidade, cultura, sexualidade etc. Esses movimentos observaram as peculiaridades de cada grupo ou indivíduo, e questionaram a suposta unidade de uma identidade feminina, comum a alguns movimentos feministas das Primeira e Segunda Ondas, cujas pautas correspondiam, em termos gerais, às necessidades das mulheres caucasianas, heterossexuais e de classe média ou baixa, e a um modelo de mulher, tão caro ao sistema patriarcal.

A temática geral proposta para este texto, converge para a discussão acerca do sujeito feminino na sociedade, dentro de relações específicas de poder que privilegiam o sujeito masculino, caucasiano, heterossexual, de cultura eurocêntrica e com alto nível de educação formal, e a sua produção intelectual em detrimento do que é produzido por mulheres ou por qualquer sujeito que fuja do padrão já estabelecido como o hegemônico de poder. A proposição do tema também não foi aleatória no sentido da construção da ambiguidade: "As mulheres e a literatura" pode referir-se tanto a "mulheres que produzem literatura" quanto a "mulheres representadas pela literatura" e, ainda, a "mulheres críticas/pesquisadoras de literatura". Apesar de parecerem distintas essas abordagens, cada uma com seu espaço delimitado, elas se inter-relacionam e conseguem, juntas, construir um panorama do que seja realmente o tema aqui proposto.

## PRIMEIRO PROBLEMA: A MULHER ESCRITORA

Quando eu era menina, o meu sonho era ser homem para defender o Brasil, porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então, eu dizia para a minha mãe:

— Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

— Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.

Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na direção. Mas o arco-íris estava sempre se distanciando. [...] O arco-íris foge de mim (JESUS, 2014, p. 53-54).

Como mencionado anteriormente, a escolha do título não foi aleatória, e o efeito ambíguo pretende uma intertextualidade com a proposta de Virginia Woolf no ensaio *Um Teto*

*todo seu* (2014), publicado pela primeira vez em 1929 sob o título *A room of one's own*. A obra é baseada, segundo Woolf, em dois artigos lidos para a *The Arts Society*, do Newnham College, e para a ODTA A (WOOLF, 2014), do Girton College, em outubro de 1928. A escritora teria sido convidada a falar sobre o tema "Mulheres e ficção". É acerca do significado do tema que ela começa o seu ensaio, discutindo a ambiguidade em questão:

As palavras não parecem tão simples. O título "As mulheres e a ficção" poderia significar, e talvez vocês pensassem assim, as mulheres e como elas são, ou as mulheres e a ficção que elas escrevem, ou poderia significar as mulheres e a ficção que é escrita sobre elas, ou poderia significar que de alguma forma as três possibilidades estão inextricavelmente emaranhadas e vocês gostariam que eu as considerasse sob esse ponto de vista (WOOLF, 2014, p. 11-12).

Ao iniciar a discussão, logo nas primeiras linhas, Woolf dá sua opinião acerca da segunda problematização do tema levantada por ela: "As mulheres e a ficção que elas escrevem", afirmando que:

Tudo o que poderia fazer seria dar-lhes a minha opinião sob um ponto de vista mais singular: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção (WOOLF, 2014, p. 12).

Ao longo do texto, ela discute como formou sua "opinião acerca do espaço próprio e do dinheiro" (WOOLF, 2014, p. 12), com base em sua experiência individual, já que herdou uma herança familiar que possibilitou o seu sustento, não precisando depender economicamente de homem algum, e possuindo a própria editora. A escritora constrói uma espécie de autoficção dos dois dias que antecederam sua palestra, tendo como protagonista da narrativa uma mulher que foi à Universidade de "Oxbridge", onde foi proibida de frequentar o lago da universidade e até a biblioteca (local em que as mulheres só entravam acompanhadas ou com a permissão de algum homem, uma espécie de professor/tutor), contando também sua experiência no refeitório, em que a melhor alimentação era destinada aos homens. Com base nas situações e nos cenários descritos, surgem muitas questões e reflexões acerca da (in) possibilidade da mulher produzir ficção ou qualquer trabalho intelectual. Como pode a mulher escrever se ela não tem acesso aos mesmos espaços públicos, às bibliotecas (não pode ler e aprender), à educação formal e à mesma alimentação (uma boa alimentação) que o homem? Um dos fatores levantados por Woolf é que esses espaços (educacionais e universidades) foram criados e financiados por homens, logo, feitos para homens. E onde estariam as mulheres? Estariam em casa, cuidando dos filhos. Assim, sem educação formal, sem

trabalho e sem direito a heranças (a lei que permitiu esse direito às mulheres é recente), elas não podiam ser detentoras de poder econômico (para financiar a educação), portanto, tais espaços não lhes eram destinados.

E o que isso tem a ver com "As mulheres e a ficção", ou melhor, com "As mulheres e a literatura"? Às mulheres foi vedado o espaço para a criação literária, seja pela falta de acesso à educação, já que o acesso à educação formal gratuita e universal é recente, ou pela privação à atividade de escrita (além de considerada masculina, havia preconceito familiar em relação a essa prática), seja pelo preconceito relativo à produção literária de autoria feminina, vista como inferior à masculina, ou ainda pela escassez de publicações de obras de mulheres (não só os editores não queriam publicar obras escritas por mulheres, como elas não possuíam dinheiro para pagar as próprias publicações).

A pesquisadora Cecil Janine Albert Zinani (2015, p. 121) aponta também, baseada na leitura de Woolf, que muitas mulheres só possuíam o espaço da "mesa da cozinha, depois de todo o serviço realizado, filhos e marido atendidos". Neste modelo social em que as mulheres eram privadas do acesso à educação formal, das condições materiais para a produção intelectual e do acesso à publicação, suas produções não apenas eram invisibilizadas, como inviabilizadas.

O que observamos com tudo isso é um apagamento das mulheres nas histórias da literatura, o que também tem relação estreita, ou até é consequência, com o apagamento das mulheres na História. Onde estão as mulheres na História? A escritora Jane Austen, na obra *A abadía de Northanger* (2014), escrita entre 1795 e 1798, mas publicada somente em 1818 após a sua morte, deixa clara a crítica à lacuna das mulheres na História. No diálogo entre duas personagens, tal questão é problematizada:

- Isto é, posso ler poesia e peças, e coisas deste tipo, e não gosto menos dos relatos de viagem. Mas pela História, a real e solene História, não consigo me interessar. Você pode?
- Sim, gosto muito de História.
- Queria gostar também. Leio um pouco por dever, mas não me diz nada que não me irrite ou me desgaste. As discussões de papas e reis, com guerras e pestes em cada página, e os homens todos, tão bons por nada e, dificilmente, uma mulher; tudo isso é bem cansativo (AUSTEN, 2014, p. 83-84).

Sobre a ausência das mulheres como atores históricos na História "solene", na História oficial, há, em contrapartida, segundo a historiadora das mulheres, Michelle Perrot (2005, p. 22) "uma abundância, e mesmo um excesso, de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas viam ou sentiam". Entramos, com isso, no campo da ficção feminina criada por homens, a problemática da representação feminina na literatura.

Ainda sobre o tema dos discursos que representam as mulheres, Perrot (2005, p. 22) assinala que "Das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer". As mulheres passam a ser conhecidas por meio do imaginário e dos discursos masculinos. A literatura é, portanto, um campo fértil para a criação e reprodução desses discursos, imagens e modelos femininos.

## SEGUNDO PROBLEMA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA

Chegamos a uma encruzilhada em que o leitor pode nos questionar: por que a literatura? Qual a importância da literatura ser tratada aqui neste espaço? Qual a importância da representação feminina na literatura? Ora, a literatura pode ser entendida como uso estético da linguagem, ou um conjunto de obras de determinado valor estético e características em comum em dado período, que compõe um sistema literário (CANDIDO, 2007, p. 25). Mas, sobretudo, as obras literárias "são formas de percepção, formas específicas de se ver o mundo; e como tais, *elas devem ter uma relação com a maneira dominante de ver o mundo, a mentalidade social ou ideologia de uma época*" (EAGLETON, 2011, p. 19, grifo nosso). Dentro destas perspectivas, refletimos sobre a relação existente entre o valor estético atribuído a determinada obra, "as notas dominantes" (CANDIDO, 2007), características em comum às obras que compõem um sistema literário, e as formas dominantes de ver o mundo que elas expressam, de como o sistema literário e o valor estético atribuído às obras expressam a ideologia de uma época.

Além disso, não se pode, ainda, deixar de refletir sobre o importante papel social, político e cultural que a literatura exerceu e exerce enquanto "formadora" de identidade cultural, de papéis sociais etc. Afinal, até a primeira metade do século XX, a literatura, seja no suporte livro ou jornal, foi um dos principais instrumentos<sup>1</sup> de formação sociocultural e de consciência e sempre serviu às relações de poder dominantes na sociedade.

Diante do papel da literatura como uma espécie de instrumento de formação e transformação sociocultural, perguntamos: o que isso tem a ver especificamente com as mulheres? Como uma das mais antigas manifestações culturais humanas, anterior à escrita, a literatura se consolida pela voz e pela experiência masculina. Portanto, a identidade feminina foi construída e definida ao longo dos séculos com base no imaginário masculino, e não no feminino. Então, que identidade feminina é essa?

---

1 - A reflexão proposta não pretende delimitar a literatura, o literário, como uma ferramenta de dominação ideológica. Não se pretende discutir o literário, mas refletir como a produção literária e os sistemas literários não fogem às relações de poder dominantes e à mentalidade de uma época. Pensa-se, sobretudo, em como foram formadas as literaturas nacionais com os estados nacionais, e as relações sociais, políticas e culturais envolvidas, que não cabem na brevidade deste texto.

Para se ter uma ideia da representação feminina<sup>2</sup> pelo olhar masculino, trouxemos aqui trechos do poema atribuído ao escritor e poeta francês Victor-Marie Hugo intitulado *O homem e a mulher*:

O homem é a mais elevada das criaturas.

A mulher, o mais sublime dos ideais.

[...]

*O homem é o cérebro; a mulher, o coração.*

[...]

A aspiração do homem é a suprema glória; *a aspiração da mulher é a virtude extrema;*

A glória promove a grandeza e a virtude, a divindade.

[...]

*O homem é forte pela razão; a mulher, invencível pelas lágrimas.*

*A razão convence e as lágrimas comovem.*

*O homem é capaz de todos os heroísmos; a mulher, de todos os martírios.*

*O heroísmo enobrece e o martírio purifica.*

*O homem pensa e a mulher sonha.*

*Pensar é ter uma larva no cérebro; sonhar é ter na fronte uma auréola.*

[...]

*Enfim, o homem está colocado onde termina a terra; a mulher, onde começa o céu.*<sup>3</sup>

O texto atribuído ao escritor é exemplar para pensarmos qual identidade feminina, que modelo de mulher se constrói e se consolida socialmente: uma mulher com características e sentimentos opostos aos masculinos – delicada, afetiva, sonhadora e virtuosa. Apesar de supostamente ter sido produzido no século XIX, tal construção imaginária e social feminina é milenar. Fato é que a representação acerca do sujeito feminino vai determinar o seu lugar socialmente – no espaço privado, longe da vida pública. A condição social feminina é inferior à masculina: o homem é a razão, a mulher, o coração. A ela estão atreladas as atividades do cuidar – casa, marido e filhos – e características como o sentimentalismo e a virtuosidade – sendo esta associada à retidão moral. Tendo em vista essa inferioridade "natural" feminina, qualquer tipo de atividade ou produção intelectual será desmotivada, desvalorizada e/ou

---

2 – É necessário apontar que a representação feminina na sociedade e na literatura oscila entre a mulher "boa", "virtuosa", e a mulher "má", "sem virtudes".

3 – Embora o poema apareça em várias páginas virtuais e em diversos idiomas, não conseguimos localizar a fonte de qual obra foi retirado, muito menos encontrá-lo em nenhuma obra do autor ou em compilações. Igualmente fizemos uma busca no portal *Project Gutenberg*, que disponibiliza em formato e-book e com visualização on-line milhares de obras de autores falecidos há mais de setenta anos. Apesar de possuir praticamente toda a obra de Victor Hugo, não localizamos o poema neste portal. Por outro lado, o simples fato de constar como pertencente a ele dá um caráter de legitimidade como se fosse de sua autoria. Raramente encontramos nos endereços eletrônicos que publicam o poema algum questionamento sobre tal legitimidade.

interpretada por esse viés do feminino: uma produção da emoção, o que impossibilita a sua participação na esfera da razão, do mundo público e masculino.

De modo geral, é com esta ótica que a literatura produzida por mulheres foi, e é até hoje, tratada pela crítica literária tradicional: como meros estados de alma, ou simples reflexo de sua experiência individual e íntima. Assim também é representada grande parte das mulheres na literatura produzidas por homens: como o oposto do masculino, sendo este oposto o negativo – sentimental, passional, frágil, dependente dos homens, habitando o espaço privado e relacionada à natureza.

Além disso, a diferença sexual marcaria também a suposta diferença literária: homens e mulheres escreveriam de formas distintas, sendo a literatura produzida por homens o modelo a ser seguido, estabelecendo assim uma visão binarista e essencialista na literatura, em que a "alta" literatura é produzida por um grupo de homens, ao passo que as mulheres produzem "baixa"<sup>4</sup> literatura, ou o que produzem nem é considerado literatura. Não podemos esquecer que, como já vimos, o valor literário atribuído a determinada obra relaciona-se à ideologia dominante do período. Observamos, ainda, a mesma relação entre homem e mulher, público e privado, repetir-se em literatura e não literatura. É imprescindível considerar que o cânone literário ocidental é masculino, branco, aristocrata e de alto grau de instrução formal.

## ONDE ELAS (NÃO) ESTÃO NA LITERATURA?

A teoria da diferença sexual e da inferioridade feminina, que justificou e ainda justifica a opressão da sociedade patriarcal, teve como consequência direta o afastamento da mulher do âmbito público, da produção cultural formal, da política, e, como já mencionado, do desprestígio ao que foi e é produzido por elas. Com isso, a ausência, a invisibilidade ou a presença tímida das mulheres na história da literatura, reflete-se até os dias atuais na escassez de nomes femininos em grandes premiações ou mesmo na crítica literária.

Ao realizarmos um levantamento do prêmio mais importante, o Nobel de Literatura, observamos que para os 113 prêmios concedidos desde a sua primeira edição em 1901, apenas 14 foram para mulheres, ou seja, apenas 12,37%. Destas, apenas duas são do hemisfério sul. E dos 14 prêmios, oito deles, ou seja, a maioria, foram concedidos a partir da década de 1990; o que é muito significativo se observarmos que a segunda metade do século XX foi marcada por movimentos e lutas feministas em vários continentes, construindo-se, então, um vasto campo teórico-metodológico e de crítica feminista, que foi desenvolvida e incorporada pela academia, além de políticas de igualdade de gênero implementadas em vários setores sociais, políticos e culturais. A lista das ganhadoras pode ser conferida a seguir:

---

4 - Os termos "alta" e "baixa" literatura, assim como "boa" ou "má" literatura, estão entre aspas para ressaltar o juízo de valor em cima de padrões estéticos determinados e para assinalar que não concordamos com a corrente crítica que estabelece tais critérios. Entretanto, a abordagem de tais termos é necessária ao presente artigo para a sua problematização.

**Tabela 1** Ganhadoras do Prêmio Nobel de Literatura

Ano	Ganhadora	Nacionalidade
1909	Selma Lagerlöf	Suécia
1926	Grazia Deledda	Itália
1928	Sigrid Undset	Dinamarca
1938	Pearl S. Buck	EUA
1945	Gabriela Mistral	Chile
1966	Nelly Sachs	Alemanha Ocidental
1991	Nadine Gordimer	África do Sul
1993	Toni Morrison	EUA
1996	Wisława Szymborska	Polônia
2004	Elfriede Jelinek	Áustria
2007	Doris Lessing	Pérsia
2009	Herta Müller	Romênia
2013	Alice Munro	Canadá
2015	Svetlana Alexievich	Bielorrússia

**Fonte:** Elaborada pela autora com base nas informações disponíveis no site.

Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Nobel\\_de\\_Literatura](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nobel_de_Literatura)>. Acesso em: 25 fev. 2017.

É válido observar que mesmo havendo uma recorrência maior de premiações a mulheres nos últimos 27 anos, o Prêmio Nobel ainda está longe de ser paritário, pois a premiação feminina no período de 1990 a 2016 é o equivalente a 29% do total de premiações.

No caso do Brasil, um levantamento realizado sobre um dos prêmios de literatura mais importantes do país, o Prêmio Jabuti<sup>5</sup>, desde o ano 2000, houveram 17 premiações com várias categorias. Delas, listamos as que interessam em nosso estudo: "Contos e crônicas", "Poesia", "Romance" e "Teoria e crítica literária". Tanto em "Contos e crônicas" quanto em "Romance", dos 17 prêmios concedidos em cada uma delas, apenas três foram para mulheres, ou seja, 17,64% em cada categoria. Em "Poesia", foram cinco prêmios concedidos, apenas 29,41% do total analisado. Na categoria "Teoria e crítica literária", que existe sob esse título desde 2004 totalizando 13 prêmios, três foram atribuídos à mulheres, o equivalente a 23,07%.

5 - Informações acessíveis no site do Prêmio Jabuti. Disponível em: <<http://premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

Portanto, do total de 64 prêmios nas categorias e período citados, 14 foram concedidos a mulheres, 21,87% da amostragem.

O presente texto não tem por objetivo fazer uma análise quantitativa comparando todos os prêmios literários concedidos a homens e mulheres. No entanto, baseado nestes dados apontados na premiação literária de maior expressão internacional (Prêmio Nobel) e o de maior expressão nacional (Prêmio Jabuti), é possível obter um panorama da tímida participação e reconhecimento da produção feminina. Mesmo nos dados referentes ao século XXI encontramos grandes desigualdades de gênero, fato que reflete as desigualdades presentes em nossa sociedade.

Os dados nos conduzem também à reflexão sobre quem realiza o trabalho de crítica literária: majoritariamente masculina.<sup>6</sup> Partindo do conhecimento dos tristes dados estatísticos sobre o Ensino Superior no Brasil<sup>7</sup> – na qual os brancos são a grande maioria –, podemos nos arriscar a afirmar que estes jurados são preponderantemente caucasianos, favorecidos economicamente, com alto grau de instrução formal e pertencente a regiões consideradas centros produtores de saber. Com isso, podemos estabelecer uma relação entre a crítica literária de predominância masculina e o reconhecimento e o domínio da literatura de autoria masculina como modelo.

Apesar dos obstáculos, algumas mulheres conseguiram fugir das imposições sociais e transgrediram, publicando suas obras. Poderíamos citar, ainda no final da Idade Média, a escritora e filósofa Cristina de Pizán, conhecida como a primeira mulher a viver de seus livros, produzindo uma literatura de cunho feminista, a exemplo de sua obra *La ciudad de las damas* (2013), escrito entre 1404 e 1405. O livro critica a misoginia do meio literário e defende o papel vital das mulheres na sociedade. Ainda no século XIV, Pizán já refletia acerca da diferença da representação feminina nas obras masculinas e femininas. Em *Épistre au Dieu d'Amours*, escrito em 1399 e em oposição ao famoso *Roman de La Rose*, sátira do século XIII, de Jean de Meung, que mostrava as mulheres como mordazes sedutoras, Pizán escreve: "*Si las mujeres hubiesen escrito los libros, estoy segura de que lo habrían hecho de outra forma, porque ellas saben que se las acusa em falso*" (PIZÁN, 2013, p. 9).

Ao longo da História, houveram também muitas mulheres com seus trabalhos assinados por homens, em várias esferas da produção de conhecimento. No caso da literatura, segundo Constância Lima Duarte (1997, p. 85-86), temos o exemplo de Vivienne Eliot, primeira esposa de T.S. Eliot, e de Sidonie Gabrielle Colette, escritora francesa, que, ao se separar, não teve nenhum direito aos livros que escreveu para o marido (escritor financeiro, que pagava as

---

6 - No site do Prêmio Jabuti ([www.premiojabuti.com.br](http://www.premiojabuti.com.br)) está disponibilizada a composição do júri de cada edição, permitindo-nos perceber que os jurados são majoritariamente homens.

7 - Os dados mais recentes são de 2015 e podem ser acessados em: <http://convergenciacom.net/pdf/mapa-ensino-superior-brasil-2015.pdf>.

publicações) ou dos que foram assinados com ele. Além disso, havia ainda os casos das mulheres que eram consideradas doentes, como Emily Dickinson (1830-1886), "pelo comportamento arredo e exílio voluntário a que se impôs e que só foi conhecida após a morte" (DUARTE, 1997, p. 86). A irmã de Honoré de Balzac, Laure Surville, além de dar ideias e temas ao irmão, teve seus textos transformados por ele e chegou a publicar utilizando pseudônimo masculino (DUARTE, 1997, p. 87).

Assim como Lauren, houve um grande número de mulheres que utilizou pseudônimo masculino como forma de serem aceitas e driblar a crítica, que, além de ignorar a produção feminina, também emitia duras e preconceituosas críticas sobre as mulheres escritoras. A crítica geralmente reduzia a produção feminina às "características tipicamente femininas", o oposto do masculino (DUARTE, 1997). Esse tipo de crítica produzida pelos homens, que atribuía estatuto inferior à escrita feminina,

[...] costumava limitar a escritora numa mesma unidade e identidade que a reduziria a um pequeno denominador comum: o feminino, sem se dar conta da redução biologicista ou da construção histórico-social de tal expressão, praticamente anulando o caráter individual de cada uma (o que não ocorreu, em nenhum momento, com a crítica voltada à produção de autoria masculina). Quando a intenção era valorizar o trabalho de uma escritora, associava o seu poema a alguma característica do masculino: forte, duro, viril, e a poetisa passava a ser chamada de poeta (DUARTE, 1997, p. 91).

Logo, o que se tem é uma atividade crítica, de alto valor social e cultural, ocupada por homens, que estabelece os padrões do que é "boa" e "má" literatura, com base em relações de poder da sociedade patriarcal, o que inviabilizou, inclusive, a participação da mulher na crítica literária, que não se deu antes do século XX.

### **TERCEIRA PROBLEMÁTICA: AS MULHERES E A CRÍTICA LITERÁRIA**

É sabido que as transformações em relação à condição, participação e representação da mulher na sociedade afetou todas as áreas da produção de conhecimento e do trabalho, e que proporcionaram maior participação da mulher nas áreas artísticas, como a literatura; embora grande parte das escritoras, como vimos, não figure nas páginas dos compêndios literários, por não representarem um padrão estético e cultural da mentalidade dominante da época.

Entretanto, tais mudanças proporcionaram também o surgimento e desenvolvimento de uma nova crítica literária, principalmente na segunda metade do século XX, uma crítica feita por mulheres e sobre mulheres, baseada nas especificidades da produção literária feminina, analisando a produção das mulheres segundo seu contexto de produção, sua cultura particular, e levando em consideração sua história, etnia, classe social, cor, formação etc. Afinal,

as mulheres, em sua maioria, não escreviam como os homens por distintas razões históricas, culturais, sociais e políticas, da mesma forma que não há características específicas do que viria a ser uma suposta literatura feminina. Sobre a suposta "diferença" da escrita das mulheres em relação à escrita dos homens com base na "diferença sexual", Virginia Woolf, em *Um teto todo seu*, já considerava que:

Seria mil vezes uma pena se as mulheres escrevessem como os homens, ou vivessem como eles, ou se parecessem com eles, pois se dois sexos é bastante inadequado, considerando a vastidão e variedade do mundo, como faríamos com apenas um? A educação não deveria aflorar e fortalecer as diferenças em vez das similaridades? (WOOLF, 2014, p. 126).

A escritora, além da problematização em relação à inadequação de uma crítica literária que elege como modelo a literatura produzida por homens, opondo este à literatura de autoria feminina, também faz uma crítica à concepção biológica binarista, sendo esta redutora, e de como ela é transposta para a crítica literária. É clara a existência de diferenças entre ambas as produções, masculinas e femininas, diferenças estas existentes também entre a literatura produzida por homens de contextos históricos distintos, assim como por mulheres em diferentes contextos. O contraste reside, então, nas experiências masculina e feminina – considerando experiência o contexto histórico, social, político e cultural em que as mulheres viveram, que é diferente do masculino<sup>8</sup>, e levando em consideração o seu afastamento do mundo público, o difícil acesso à educação e à cultura formal, assim como os entraves para a produção literária.

Na segunda metade do século XX, sob forte influência do desenvolvimento dos estudos de gênero, começou a se solidificar uma crítica literária voltada ao estudo especificamente de obras femininas em relação aos contextos específicos de produção. A crítica norte-americana Elaine Showalter, em um estudo intitulado *A crítica feminista no território selvagem* (1994), em que cunhou essa crítica feminista de *ginocrítica*, afirma que uma crítica produzida com base em um arcabouço feminino, desvinculando a produção literária feminina da história literária masculina (padrões estéticos) e observando as especificidades de cada produção (cultura feminina), será capaz de compreender a literatura de autoria feminina:

Uma teoria baseada em um modelo da cultura da mulher pode proporcionar, acredito eu, uma maneira de falar sobre a especificidade e a diferença dos escritos femininos mais completa e satisfatória que as teorias baseadas na biologia, na lingüística ou na psicanálise. [...] Uma teoria cultural reconhece a existência de importantes diferenças entre as mulheres

---

8 - Embora façamos aqui uma generalização do masculino e feminino, o que soaria contraditório no nosso estudo, deixamos claro que consideramos as diferenças entre classe social, nível formal de educação, nacionalidade, etnia, sexualidade etc., entre os homens também. É tomado como regra o padrão dominante dos escritores que chegam até nós nas histórias da literatura.

como escritoras: classe, raça, nacionalidade e história são determinantes literários tão significativos quanto gênero (SHOWALTER, 1994, p. 44).

Para Showalter, a crítica literária que relaciona a escrita da mulher e a cultura da mulher, ou seja, todos os elementos que estão envolvidos no construto do sujeito, e que, segundo ela, "intervêm" no processo de criação, desde temas a estilos, gêneros e expressão, conseguiria melhor compreender a produção literária feminina, com todas as suas peculiaridades e, desta forma, revisar a sua importância dentro da história da literatura. Faz-se necessário a revisão do cânone, de pensar o lugar de algumas vozes excluídas, das vozes "dissonantes".

Baseada no desenvolvimento da teoria e crítica literária feminista e da emergência de estudos sobre as produções literárias de autoria feminina, a maioria delas invisibilizada, marginalizada ou esquecida, percebemos com clareza a inter-relação entre a produção literária de autoria feminina, a representação feminina na literatura e a crítica literária feminina – feita por mulheres – como elementos que são indissociáveis ao abordarmos o tema "As mulheres e a literatura".

## **À GUIA DE CONSIDERAÇÕES: AS PERMANÊNCIAS NO SÉCULO XXI – "BELA, RECATADA E DO LAR"**

Embora os avanços no campo do feminismo e nas conquistas das mulheres pareçam ter sido rápidos, lenta é a transformação da mentalidade social e da aceitação da participação feminina (protagonismo) no espaço público, o que se reflete na literatura, que expressa a mentalidade dominante da sociedade.

A crítica e pesquisadora de literatura Regina Dalcastagnè (2005) publicou uma longa e criteriosa pesquisa intitulada *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Nesta obra, ela analisou 258 romances. Do total, 1.245 personagens foram considerados importantes: destes, 773 (62,1%) homens contra 471 (37,8%) mulheres, e um único caso foi colocado na categoria "outro" (CASTAGNÉ, 2005, p. 33). Em 41 livros as mulheres eram ausentes, contra apenas 4 livros com homens ausentes. Dos protagonistas, 28,9% eram mulheres contra 71,1% de homens, e narrador na voz feminina 31,7% contra 68,3% na voz masculina. Ou seja, além de minoritárias, as mulheres têm menos acesso à voz (posição de narradoras). Segundo Dalcastagnè (2005), a criação (o acesso à voz) de uma personagem feminina está estreitamente ligada ao sexo do autor do livro. Além disso, um dado de extrema relevância é que o espaço ocupado pela mulher nesses romances é o doméstico, o privado, privilegiando as relações amorosas e familiares: 90% das personagens femininas estão envolvidas nestas relações.

O estudo de Dalcastagnè (2005), dentre outras coisas, expõe a dificuldade das transformações no campo da literatura: seja da maior presença de uma literatura de autoria feminina, de uma voz feminina, de representações femininas fora do espaço privado, doméstico. No entanto,

um novo espaço e crítica surgem para mostrar que o cânone precisa ser revisitado, que a literatura produzida por mulheres precisar ser lida e analisada não tomando a produção masculina como modelo, que o mundo e as vidas femininas precisam ser contados principalmente pelas mulheres, que as vozes lhes sejam dadas, ou melhor, restituídas historicamente.

O trabalho da crítica literária feminista é esse, localizá-las, estudá-las para restituir a sua voz e o seu lugar na história da literatura e, porque não, na história das mulheres, retirando as mulheres do lugar histórica e socialmente designado a elas: "belas, recatadas e do lar", e invisíveis.

## "Bela, recatada e do lar": a reflection on women and literature (ruptures and permanences)

**Abstract:** In her well-known book *A room of one's own*, originally published in 1929, Virginia Woolf discussed the issue of "Women and Fiction", that is about women's difficulty in producing fiction and the need to have "a room of one's own", which meant, in general terms, to have the necessary material conditions to become writers. Woolf, still in the 1920's, observed the gap or absence of female names in literature, and the difficulties faced by women in patriarchal society. Based on the discussion initiated by her almost 90 years ago, this text, which has as its theme "Women and Literature", intends to construct a general panorama and a reflection about the feminine authorship literature production and recognition in contemporary times, with the following points: "The woman writer", "The woman represented in literature" and "The woman who is critical/researcher of literary studies". The points will be articulated in such a way as to build their interrelationship and inseparability, analyzing the possible ruptures and permanences of female representation in literature up to contemporaneity, the woman as a writer or as the object of the discourse of others, also reflecting on the emergence and the urgency of a feminist literary criticism, from the development of feminist movements and gender studies in the second half of the twentieth century.

**Keywords:** Gender studies. Feminine authorship literature. Feminisms. Feminist literary criticism. History of literature.

## REFERÊNCIAS

- AUSTEN, J. *A abadia de Northanger*. Tradução Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.
- DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul.-dez. 2005. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123/1687>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

DUARTE, C. L. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, N. (Org.). *Gênero e Ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997, p. 86-94.

EAGLETON, T. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Unesp, 2011.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

NASCIMENTO, M. V. O. do. Sobre a história da literatura e o silenciamento feminino: questões de crítica literária e de gênero. *Historiae*, v. 6, n. 1, p. 283-201, 2015. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/view/5418/3357>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. Tradução Angela Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

PIZÁN, C. de. *La ciudad de las damas*. Edição Marie-José Lemarchand. Madrid: Siruela, 2013.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. Tradução Deise Amaral. In: HOLLANDA, H. B. de. (Org.). *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes de Souza. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZINANI, C. J. A. Estudos culturais de gênero e história da literatura. In: ZINANI, C. J. A.; SANTOS, S. R. P. (Orgs.). *A mulher na história da literatura: estudos da produção literária de escritoras da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educs, 2015.

Recebido em março de 2017  
Aprovado em agosto de 2017